

CONSEJO PERMANENTE



OEA/Ser.G
CP/ACTA 1245/00
24 julio 2000

ACTA
DE LA SESIÓN PROTOCOLAR
CELEBRADA
EL 24 DE JULIO DE 2000

Para conmemorar el natalicio
del Libertador Simón Bolívar

ÍNDICE

	<u>Página</u>
Nómina de los Representantes que asistieron a la sesión	1
Homenaje a la memoria de señor Keith Highet	2
Condolencias al Gobierno de los Estados Unidos por el fallecimiento del Senador Paul Coverdell	2
Palabras del Presidente del Consejo Permanente	3
Palabras del Subsecretario de Administración en nombre del Secretario General.....	4
Palabras del Representante Permanente de Colombia	5

CONSEJO PERMANENTE DE LA ORGANIZACIÓN DE LOS ESTADOS AMERICANOS

ACTA DE LA SESIÓN PROTOCOLAR CELEBRADA EL 24 DE JULIO DE 2000

En la ciudad de Washington, a las diez y cuarenta y cinco de la mañana del lunes 24 de julio de 2000, celebró sesión protocolar el Consejo Permanente de la Organización de los Estados Americanos. Presidió la sesión el Embajador Valter Pecly Moreira, Representante Permanente del Brasil y Presidente del Consejo Permanente. Asistieron los siguientes miembros:

Embajador Claude Heller, Representante Permanente de México y Vicepresidente del Consejo Permanente

Embajador Denis G. Antoine, Representante Permanente de Grenada

Embajador Lionel Alexander Hurst, Representante Permanente de Antigua y Barbuda

Embajadora Laura Elena Núñez de Ponce, Representante Permanente de Honduras

Embajador Hernán R. Castro H., Representante Permanente de Costa Rica

Embajador Luis Alfredo Ramos, Representante Permanente de Colombia

Embajadora Virginia Contreras, Representante Permanente de Venezuela

Embajador Diego Abente Brun, Representante Permanente del Paraguay

Embajadora Margarita Escobar, Representante Permanente de El Salvador

Embajador Marcelo Ostría Trigo, Representante Permanente de Bolivia

Embajador Ronalth Iván Ochaeta Argueta, Representante Permanente de Guatemala

Embajador Esteban Tomic Errázuriz, Representante Permanente de Chile

Ministro Guy Pierre, Representante Alterno de Haití

Embajador Álvaro Moerzinger, Representante Interino del Uruguay

Ministro Rafael Veintimilla, Representante Alterno del Ecuador

Consejera Mayerlyn Cordero Díaz, Representante Interina de la República Dominicana

Embajador Max José López Cornejo, Representante Interino de Panamá

Embajador Víctor M. Silva, Representante Interino de Nicaragua

Ministra Consejera Cecily A. Norris, Representante Alterna de San Vicente y las Granadinas

Primera Secretaria Edda D. Dumont-Adolph, Representante Alterna del Commonwealth de las Bahamas

Primer Secretario Carlos Chocano, Representante Alterno del Perú

Consejero Martín Gómez Bustillo, Representante Alterno de la Argentina

Consejera Jasmine E. Huggins, Representante Alterna de Saint Kitts y Nevis

Ministra Vilma McNish, Representante Alterna de Jamaica

Primer Secretario Philip St. Hill, Representante Alterno de Barbados

Segundo Secretario Henry Leonard Mac-Donald, Representante Alterno de Suriname

Segunda Secretaria Donnette Critchlow, Representante Alterna de Guyana

Consejero David L. Keithlin, Representante Alterno del Canadá

Consejero Mackisack Logie, Representante Alterno de Trinidad y Tobago

Ambassador Thomas A. Shannon, Representante Alterno de los Estados Unidos

HOMENAJE A LA MEMORIA DEL SEÑOR KEITH HIGHET

El PRESIDENTE: Antes de dar início a esta sessão, desejo em nome dos membros deste Conselho Permanente e no meu próprio prestar homenagem à memória do Senhor Keith Highet, falecido em 12 de julho, em Washington, D.C.

O Senhor Keith Highet, advogado internacionalista, foi formado pela Harvard Law School, em 1960, com a menção magna *Cum Laude*. No Vigésimo Período Ordinário de Sessões da Assembléia Geral, realizado em junho de 1990, em Assunção, Paraguai, foi eleito membro da Comissão Jurídica Interamericana. Posteriormente, em 10 de agosto de 1998, foi eleito Presidente da Comissão Jurídica Interamericana.

São muito conhecidas de todos a grande experiência e capacidade do jurista Keith Highet.

Nesta triste ocasião, tomo a liberdade de solicitar ao Embaixador Representante dos Estados Unidos da América junto à OEA, que transmita os nossos pêsames mais sentidos tanto a seu governo, como à família do Doutor Keith Highet.

A seguir, peço a todos que fiquem de pé para guardar um minuto de silêncio em homenagem à sua memória.

[El Consejo, de pie, observa un minuto de silencio.]

CONDOLENCIAS AL GOBIERNO DE LOS ESTADOS UNIDOS POR EL FALLECIMIENTO DEL SENADOR PAUL COVERDELL

El PRESIDENTE: Em nome do Conselho Permanente também quero apresentar as condolências ao Governo dos Estados Unidos da América pela morte, na semana passada, do Senador Paul Coverdell, um amigo da Organização dos Estados Americanos.

Com a palavra o Senhor Representante dos Estados Unidos da América.

El REPRESENTANTE ALTERNO DE LOS ESTADOS UNIDOS: Mr. Chairman, thank you very much for taking this moment to recognize Dr. Keith Highet and also Senator Paul Coverdell. The United States lost two very distinguished citizens recently, and the OAS lost two very good friends.

I'd like to take this moment to recognize and remember Keith Highet for his talent as a professional and as a friend. As Chairman of the Inter-American Juridical Committee (IAJC), Dr. Highet challenged the Committee to take on new issues at the forefront of international law, from the juridical dimensions of integration and international trade to the study of human rights and biomedicine. The topics addressed by the Committee under Dr. Highet's chairmanship helped to orient the Organization toward a global economy and its broad effects on society.

His association with the OAS and the inter-American system capped a distinguished career in international law, as you have mentioned, which included partnership in a major New York law firm,

teaching at the Fletcher School of Law and Diplomacy, representation of numerous governments before the International Court of Justice and other fora, and the presidency of the American Society of International Law. Along the way, this kind and distinguished man married, raised a family, and inspired his friends, colleagues, and others with his knowledge and through his great personal warmth and sense of humor. He was a friend of this hemisphere and held this body in very high esteem.

I will convey to his family the condolences expressed here. A memorial service is being planned, and we will communicate that information to all delegations at the appropriate time.

Thank you very much.

PALABRAS DEL PRESIDENTE DEL CONSEJO PERMANENTE

El PRESIDENTE: Hoje comemoramos mais um aniversário de nascimento do Libertador Simón Bolívar. Esta é uma oportunidade que se apresenta a cada ano neste Conselho para procedermos a uma reflexão sobre os ideais bolivarianos e o momento que vivemos em nosso Hemisfério.

Bolívar não foi apenas um gênio militar, mas também um hábil político, estadista, escritor, idealista republicano. Os talentos e sucessos de Bolívar são até hoje enaltecidos para justificar a sua singularidade no panorama histórico latino-americano. Talvez como nenhum outro homem em nossa história comum, Bolívar encarna, de maneira integral e plena, o ideal de unidade e solidariedade americanas.

Vicissitudes históricas que não nos cabe hoje em dia lamentar, pois fazem parte do destino político de nossos povos, impediram que Simón Bolívar pudesse ver concretizada plenamente a visão de uma só América, em que as jovens nações do Continente caminhassem juntas, unidas em torno de ideais comuns, em busca de um só destino.

Ninguém poderia hoje, em sã consciência, afirmar como estariam as nações americanas caso aquele ideal bolivariano tivesse dado os resultados que o libertador esperava obter. Estariam elas mais fortes economicamente? Socialmente mais justas? Mais democráticas? É difícil saber. O certo, porém, é que muitos de nossos problemas do passado não teriam ocorrido. De qualquer forma, a realidade de nossos tempos indica que, passados mais de 150 anos das lutas levadas a cabo por este prócer, a utopia bolivariana ainda continua presente, adaptada, naturalmente, pela evolução inexorável da história.

Penso que as numerosas iniciativas que visam à integração econômica e comercial em nosso Continente, especialmente nos últimos anos, demonstram que os países das Américas, do Norte, Central, do Sul e do Caribe, reconhecem na união a única maneira de fortalecer-se política e economicamente.

O Grupo Andino, o Mercosul, o CARICOM e o NAFTA, entre outros, são alguns dos exemplos desse esforço em prol da associação. As Cúpulas de Chefes de Estado e de Governo, como a do Grupo do Rio e a Cúpula das Américas, podem também ser compreendidas como importantes esforços para parar diferenças e concertar posições sobre os mais variados temas. Num sentido amplo e moderno, são todas elas perfeitamente enquadradas na mais pura tradição bolivariana.

Caros colegas, Senhor Subsecretário, senhoras e senhores, nenhuma organização surgida em nosso Hemisfério reúne requisitos tão claros para ser reconhecida como a mais inequívoca manifestação do ideário de Simón Bolívar que a Organização dos Estados Americanos. A concepção bolivariana de uma liga que reunisse os Estados da região, harmoniosamente associados, mas com suas individualidades preservadas, está na própria origem da criação da OEA.

Lutar pelo aperfeiçoamento do Sistema Interamericano, corporificado por esta Organização, é de certa forma lutar pela concretização do sonho de Bolívar. E tornar o sonho de Bolívar uma realidade, significa hoje, pôr em prática muitas das tarefas atribuídas à OEA, como a consolidação da democracia, a proteção e a promoção dos direitos humanos, a ampliação dos frutos do desenvolvimento econômico, a eliminação da pobreza, e o acesso de todos à educação e ao conhecimento.

Celebremos, porém, o aniversário do Libertador Simón Bolívar, tendo bem em mente que foi ele não apenas um homem de ideais e sonhos, mas, sobretudo, um homem de ação, que lutou para tornar realidade aquilo em que acreditava. Muito obrigado.

PALABRAS DEL SUBSECRETARIO DE ADMINISTRACIÓN EN NOMBRE DEL SECRETARIO GENERAL

El PRESIDENTE: Seguindo a nossa ordem do dia, ofereço a palavra ao Senhor James Harding, que pronunciará um discurso em nome do Senhor Secretário-Geral da OEA.

El SUBSECRETARIO DE ADMINISTRACIÓN EN NOMBRE DEL SECRETARIO GENERAL: Mr. Chairman, members of the Permanent Council, distinguished guests:

Today, we celebrate the birth of Simón Bolívar, known popularly as the Liberator for his efforts to obtain independence for Latin America. I'm very grateful to be able to make a few comments on this occasion, on behalf of the Secretary General, the Assistant Secretary General, and the members of the General Secretariat.

It would be impossible for me to recap each accomplishment achieved during Bolívar's lifelong crusade, which began in his home country of Venezuela and expanded to what is today Panama, Colombia, Ecuador, Bolivia, and Peru. While he achieved many of the goals in this endeavor, his ultimate dream when he convened the Congress of Panama in 1826 was to bring unity and create a confederacy of American nations. But Bolívar died before accomplishing this final goal, and he has been quoted as saying with some dismay on his deathbed that "America is ungovernable. Those who have served the revolution have simply plowed the seeds."

Today, we celebrate his birth, but as we do so we should look around at where we are today in the Simón Bolívar Room of the Organization of American States. I would suggest that Bolívar's dream has not gone unnoticed. We are at a point in history where nearly all of the countries of the Hemisphere are free democracies. We have moved away from isolationist thinking toward working cooperatively on goals in many important areas, such as development, democracy, and human rights. Where once there were walls, we now see bridges; and where once we were pursuing many independent objectives, we are now pursuing collective dreams.

Let us reflect on these changes and be thankful for the significant contribution that Simón Bolívar made, not only in bringing freedom to Latin America, but in shaping the Americas that we are today and will continue to become tomorrow.

Thank you very much.

El PRESIDENTE: Obrigado, Senhor Harding.

PALABRAS DEL REPRESENTANTE PERMANENTE DE COLOMBIA

El PRESIDENTE: Tenho a satisfação agora de oferecer a palavra ao Senhor Embaixador Luis Alfredo Ramos, Representante Permanente da Colômbia.

El REPRESENTANTE PERMANENTE DE COLOMBIA: Muchas gracias, señor Presidente.

Cumplo con el encargo que me ha sido conferido por el Consejo Permanente y, de manera muy especial, por la representación de Venezuela en esta Organización, de decir unas palabras en ocasión de celebrarse en la fecha el natalicio del Libertador Simón Bolívar.

He denominado esta breve intervención “24 de julio: un día fausto”.

Señor Presidente, señores Representantes, señores Observadores, señoras y señores:

El 24 de julio es un día fausto para toda América. En esa fecha de 1783 nace en Caracas el Libertador de cinco naciones, el genio de América, el Hombre de las dificultades.

Por la época del nacimiento de Simón Bolívar, Caracas era una ciudad de aproximadamente cuarenta mil habitantes, con una vida calmada y tranquila, donde llegaban las primeras noticias acerca del reconocimiento de la independencia de los Estados Unidos, de parte de Inglaterra.

Bolívar, el cuarto hijo de la familia de Juan Vicente Bolívar y Concepción Palacio, familia rica y distinguida entre las de su época, seguidora y leal al Rey de España, quedaría huérfano muy pronto, pues su padre fallece cuando Bolívar contaba tres años y su madre muere seis años después, habiendo quedado bajo la tutela de su tío don Carlos Palacio. El tutor y sus parientes cercanos facilitaron al niño, y luego al joven Simón de la Santísima Trinidad, la mejor educación que podía darse a una persona en ese tiempo. Según el mismo Bolívar, recibió una educación de primer orden. Aprendió de don Simón Rodríguez las primeras letras y, de nadie menos que don Andrés Bello, gramática y geografía. Estudió matemáticas en la Academia de San Fernando, idiomas con exclusivos maestros seleccionados en Madrid; esgrima, baile y equitación complementaron la educación en sus años de joven y más adelante, aun antes de cumplir veinte años, ya había estudiado los clásicos de la antigüedad y a los más reconocidos pensadores europeos, destacando a Locke, d’Alembert, Rousseau y Voltaire. Particularmente, los pensadores franceses influyeron en su ideología y en la concepción de los valores sociales.

Muy joven viajaría Bolívar a España y recorrería buena parte de Europa, donde tuvo contacto con los más importantes intelectuales. En 1802 llega a París y queda enamorado de esa ciudad. El 26

de mayo, a su regreso a España, se casa con María Teresa Rodríguez del Toro, quien muere ocho meses después, quedando Bolívar otra vez en la soledad. Regresa Bolívar nuevamente a París en 1804 y asiste al acto de coronación de Napoleón. En 1805, Bolívar, imbuido del pensamiento de libertad emanado de la Revolución Francesa, jura en el Monte Sacro, ante su maestro Simón Rodríguez, libertar a su patria. Bolívar busca desde entonces para su América la mayor grandeza, al igual que un gran prestigio y un porvenir lleno de felicidad y de progreso.

En carta que enviara años después a su maestro don Simón Rodríguez le dice: “¿Se acuerda usted cuando fuimos juntos al Monte Sacro en Roma a jurar sobre aquella tierra santa la libertad de la Patria? Ciertamente no habrá usted olvidado aquel día de eterna gloria para nosotros, día que anticipó, por decirlo así, un juramento profético a la misma esperanza que no debíamos tener” Y en carta a Tomás Cipriano Mosquera dice: “Testigo de grandes acontecimientos en Europa, se exaltó mi imaginación y allá en el Monte Sacro juré con algunos de mis amigos libertar a mi patria y hacerla marchar por una nueva senda de felicidad.”

Sin duda alguna, los años en Europa constituyeron para Simón Bolívar el más precioso período para perfeccionar el pensamiento de quien sería en corto tiempo el padre de cinco repúblicas y el primer ciudadano de América.

Si Bolívar no hubiera recorrido España, Francia, Italia, Inglaterra y Alemania, otra hubiera sido la suerte de la América hispana y tal vez la imaginación y el genio creativo del Libertador no hubieran recibido la chispa del pensamiento europeo, que por entonces giraba en torno a la libertad, al libre pensamiento y al desarrollo de nuevos principios y valores sociales que difundían los intelectuales de la época.

La vida de Bolívar fue breve en tiempo pero infinita en realizaciones. En cuarenta y siete años de existencia, el balance de su vida no podría ser más elocuente ni más exitoso. Los infortunios de su vida familiar, su temprana orfandad, su pronta viudez, dominan la mitad de su existencia, pues la segunda mitad se caracteriza por la lucha libertadora de la América hispana, tal como lo había jurado en Roma.

El Bolívar joven y rico, el Bolívar del infortunio familiar y de las desgracias personales, se convierte entonces en el líder de la causa por la libertad americana, en el caudillo de los ejércitos, en el estadista más grande de América, en el inspirador y redactor de constituciones, en el libertador de cinco repúblicas, en el gran pensador, tal como lo corroboran sus cartas, manifiestos y proclamas y los discursos escritos entre 1810 y 1830.

Porque Bolívar fue ante todo un hombre escogido por la Providencia para ser soldado, caudillo, político, estadista, libertador. Porque Bolívar fue un hombre superior a su época. Testimonio de ello lo dan distintos documentos en los cuales se aprecia con facilidad la claridad de un pensamiento, la visión prospectiva de su línea de acción y la coherencia entre sus ideales y sus logros.

Bolívar sobrepasó de lejos a sus maestros y a sus contemporáneos. Solo una mente tan lúcida como la de este genio pudo concebir en aquellos momentos de la historia americana unos conceptos y unas acciones que llevarían a toda la América de habla hispana a constituir una gran nación, donde reinara la prosperidad. Este sueño estuvo a punto de verse realizado, si no hubiera sido por el individualismo y la ambición de algunos políticos de la época.

Bolívar fue, antes que nada, un estadista. Concebía el Estado dentro de los más modernos principios y las más perfectas instituciones. No en vano se había ilustrado en el pensamiento francés y particularmente había estudiado el *Espíritu de las leyes* de Montesquieu. En sus proyectos, el poder judicial, siguiendo la línea de Montesquieu, debería gozar de máxima independencia al igual que debería existir una separación de poderes, de tal forma que el congreso y el ejecutivo no dependieran el uno del otro y estos, con el poder judicial, constituyeran las bases de la república a través de la separación de sus funciones.

En unas pocas frases, podríamos resumir el pensamiento de Bolívar sobre lo que debía ser la forma de gobierno de una nación, cuando dijo:

Las bases de un gobierno republicano deben ser la soberanía del pueblo, la división de los poderes, la libertad civil, la proscripción de la esclavitud, la abolición de la monarquía y de los privilegios...

Que se fortifique todo el sistema del gobierno y que el equilibrio se establezca de modo que no se pierda y de modo que no sea su propia delicadeza una causa de decadencia. Por lo mismo que ninguna forma de gobierno es tan débil como la democrática, su estructura debe ser de la mayor solidez y sus instituciones consultarse para la estabilidad. Si no es así, contemos con que se establece un ensayo de gobierno y no un sistema permanente, contemos con una sociedad díscola, tumultuaria y anárquica y no con un establecimiento social donde tengan su imperio la felicidad, la paz y la justicia... Mi deseo es que todas las partes del gobierno y la administración adquieran el grado de vigor que únicamente puede mantener el equilibrio no solo en los miembros que componen el gobierno sino entre las diferentes fracciones de que se compone nuestra sociedad... Para formar un gobierno estable se requiere la base de un espíritu nacional que tenga por objeto una inclinación uniforme hacia dos puntos capitales: Moderar la voluntad general y limitar la autoridad pública... El amor a la patria, el amor a las leyes, el amor a los magistrados, son las nobles pasiones que deben absorber exclusivamente el alma de un republicano... Para sacar del caos a nuestra naciente república, todas nuestras facultades morales no serán bastantes si no fundimos la masa del pueblo en un todo; la composición del gobierno en un todo, la legislación en un todo y el espíritu nacional en un todo...

Y ahora, la más completa de las frases del Libertador: “El sistema de gobierno más perfecto es aquel que produce mayor suma de felicidad posible, mayor suma de felicidad social y mayor suma de estabilidad política.”

El pensamiento de Bolívar como gran estadista quedó plasmado en las constituciones de Venezuela, Colombia, Ecuador, Perú y Bolivia. Había logrado así coronar sus más altos ideales y cimentar las bases de lo que serían las naciones andinas.

Tuvo, pues, Bolívar una concepción integral del Estado y una noción absolutamente clara de la necesaria separación de los poderes públicos, una idea precisa de cómo debía dirigirse una nación. Es por ello que brilló como estadista sin par en América y en el mundo, al punto que algunos autores señalan que Bolívar fue tan grande en el Nuevo Mundo como lo fue Julio César en la época antigua.

Bolívar pensó en una sola nación y es así como en 1825 propuso un proyecto de Confederación de las repúblicas hispanoamericanas que estaría dirigido por cinco principios tutelares: un gran ejército para su defensa; una política exterior con Europa, una política exterior con los

Estados Unidos, una política exterior con Inglaterra y una reunión de un congreso de todos los Estados americanos.

Infortunadamente, esta propuesta se vio frustrada debido a las situaciones que atravesaban algunas naciones del sur.

Como político, Bolívar fue un hombre inteligente y audaz. No de otra forma el Libertador pudo superar toda clase de obstáculos entre 1810 y 1830. Su descomunal inteligencia lo llevó a tener tan alto grado de respeto y autoridad que sus compañeros de armas y la clase dirigente de la época se inclinaban ante los proyectos y las líneas trazadas por este líder. De joven supo granjearse la amistad y la confianza de los jefes militares y de los combatientes en la lucha por la independencia. Con gran astucia eludió diferentes atentados contra su vida y su integridad personal. Con un agudo sentido común, distinguió siempre el sentimiento y las angustias del ciudadano raso y antes que nada sostuvo una eficaz y permanente comunicación con el pueblo, a través de sus discursos, proclamas y mensajes, con lo cual logró mantener unidas a sus gentes en torno a las políticas fijadas por él.

Más de tres mil cartas a gobernantes, militares, amigos y parientes constituyeron buena parte del legado del pensamiento bolivariano. Como buen político escogió para cada momento los mejores aliados. Como todo político recibió de la mayoría de sus allegados la ingratitud y la traición. Podría decirse que de la mayoría de sus amigos recibió los más grandes desengaños, excepción hecha de Sucre y Urdaneta, a quienes Bolívar destacó hasta el final de su vida como sus mejores y más leales subalternos, no obstante la muerte temprana del Mariscal de Ayacucho.

Como político, sufrió la mayor de las traiciones cuando el 25 de septiembre, en la llamada Noche Septembrina, es víctima de la más ignominiosa conspiración de parte de Santander y de Padilla. Francisco de Paula Santander, quien había llegado a ser su Vicepresidente, se salvó del fusilamiento por la magnanimidad del Libertador, no así Padilla, quien fue condenado a muerte y ejecutado.

En condición de político, igualmente correspondió al Libertador Bolívar consolidar las posiciones de sus principales aliados. Fue así que fortaleció a hombres como Páez y Mariño, a Santander y a Urdaneta, a Sucre y a Flores y, en fin, a un alto número de militares y patriotas, aunados todos en la lucha por la independencia.

Bolívar fue un político exitoso. No obstante haber sufrido algunas derrotas y frustraciones al comienzo de su campaña, alcanzó finalmente las metas que se propuso. Liberó cinco países del yugo español y logró consolidar un prestigio tan alto, solo comparable al de los emperadores romanos.

Bolívar como político comprometió a las mayorías ciudadanas con su causa, al escoger con gran cálculo y precisión los temas que configurarían su bandera libertaria: suprimir la monarquía, acabar con el despotismo, terminar la esclavitud, constituir un gobierno de corte centralista. En su acción está constantemente presente su estimación por la libertad y la igualdad, principios con los cuales aseguró la voluntad popular y mantuvo unidas las fuerzas rebeldes todo el tiempo que duró la lucha por la independencia.

Bolívar el soldado y el jefe militar fue una estrella en el firmamento americano. Si bien es cierto, durante los primeros años de su actividad militar sufrió derrotas propiciadas por las fuerzas españolas, superiores en número y en armamento, a partir de 1813 comienza una marcha triunfal que

lo lleva primero al Bajo Magdalena y luego a Cúcuta, en la Nueva Granada, para entrar victorioso a Venezuela, donde desde muy temprana época se le da el nombre de Libertador.

Entonces Bolívar contaba con solo treinta años de edad y con el título más glorioso que pueda haber recibido ciudadano alguno en Hispanoamérica: el título de Libertador.

Como estratega militar sobresalió por sus conocimientos, valentía y arrojo y por el gran acierto y eficacia en el manejo de sus estrategias. Sabía muy bien que para liberar a América del dominio español necesitaba libertar la Nueva Granada primero, habiéndolo logrado el 7 de agosto de 1819, en la famosa Batalla de Boyacá, y concluyendo una formidable campaña el 9 de diciembre de 1824, con la victoria de su hombre de confianza, Antonio José de Sucre, en las montañas de Ayacucho, quedando por fin libre toda la América española.

Bolívar fue un militar tan grande como lo fue San Martín, y como aquel conocía todas las tácticas y los secretos militares. A sus generales daba instrucciones tan detalladas como estas: “Nosotros debemos calcular siempre que las marchas del enemigo no dejarán de ser de diez leguas por día y que si nosotros no hacemos otro tanto seremos prontamente alcanzados...” Y agregaba Bolívar: “Jamás se dará una acción general sino con fuerzas iguales y con ventajas muy conocidas en posiciones y medio.”

Sus tácticas militares y su estrategia para la confrontación fueron artífices de los grandes triunfos en Trujillo, Carabobo, Boyacá, Junín, Pichincha y Ayacucho, y tantas otras batallas que dieron la libertad a América, unas bajo su dirección y otras al mando de sus más fieles generales. Bolívar, sin duda alguna, fue uno de los más grandes militares de que da cuenta la historia universal.

Simón Bolívar, además de haber sido estadista, político, militar, caudillo y libertador, fue un excelente escritor. Utilizó la prosa castellana con gran finura y elegancia. Perfeccionó con el tiempo las lecciones que recibió de don Andrés Bello, al convertir todos sus escritos, proclamas y discursos en admirables documentos que han pasado a la historia por su contenido y por haber sido construidos con la más pura gramática de Castilla. Bolívar en cada uno de ellos hizo gala de un gran conocimiento del idioma de Cervantes. Hoy, a 207 años de su nacimiento, sus escritos guardan un gran valor en materia idiomática. No obstante el cambio que ha registrado el idioma castellano durante los últimos dos siglos, pareciera que tales escritos se hubieran hecho hace muy corto tiempo. La inteligencia de Bolívar era tal que aun en el uso de la lengua llevaba ventaja a la mayoría de sus contemporáneos.

En fin, Bolívar fue un hombre escogido por la Providencia no solo para dar libertad a cinco naciones sino para enseñar a las gentes del Nuevo Mundo el valor, la virtud y el heroísmo. La personalidad extraordinaria de Bolívar y el brillante estilo con el que adornó todas sus actividades muestran a América y al mundo un personaje polifacético que sobresalió por sus dotes de estadista y pensador, por sus exquisitas calidades de orador y prosista, por su maravillosa inteligencia para libertar y construir Estados y, antes que nada, por su arrolladora fuerza moral, que lo destaca como el líder del Hemisferio y como el verdadero genio de América.

El Bolívar que hoy vemos al iniciar el tercer milenio es el Bolívar heroico, es el Bolívar inmenso, es el Bolívar titánico que con su gran fuerza espiritual unió los ideales americanos y nos hizo ver mucho más allá del horizonte que divisa la mayoría de los mortales. Bolívar terminó su

existencia un 17 de diciembre en la ciudad de Santa Marta, Colombia. Ese día fue un día de duelo para todos los americanos libres y cinco repúblicas perdieron a su padre y a su libertador.

Los momentos finales del Libertador fueron bellamente descritos por Gabriel García Márquez en el libro *El general en su laberinto*. Así los describió el reconocido Premio Nobel de Literatura:

Examinó el aposento con la clarividencia de sus vísperas, y por primera vez vio la verdad: la última cama prestada, el tocador de lástima cuyo turbio espejo de paciencia no lo volvería a repetir, el aguamanil de porcelana descarchada con el agua y la toalla y el jabón para otras manos, la prisa sin corazón de reloj octogonal desbocado hacia la cita ineluctable del 17 de diciembre a la una y siete minutos de su tarde final. Entonces cruzó los brazos contra el pecho y empezó a oír las voces radiantes de los esclavos cantando la salve de las seis en los trapiches, y vio por la ventana el diamante de Venus en el cielo que se iba para siempre, las nieves eternas, la enredadera nueva cuyas campánulas amarillas no vería florecer el sábado siguiente en la casa cerrada por el duelo, los últimos fulgores de la vida que nunca más, por los siglos de los siglos, volvería a repetirse.

El hombre que nació un 24 de julio en Caracas se había ido para siempre de su América hispana. Pero, ¡qué digo! Se había ido solo su cuerpo, débil y ligero, y quedaba para siempre, hasta la eternidad, la obra del más grande de los hombres de América, del hombre que nació un 24 de julio, como hoy, fecha de recordación y día de gloria para los americanos, cuando brilló el sol más radiante que haya iluminado a nuestras naciones.

¡Gloria eterna a Bolívar!

El PRESIDENTE: Muito obrigado, Senhor Embaixador Ramos. Agradeço a presença e a participação dos Senhores Representantes e convidados nesta sessão. A sessão está encerrada.

